

# Entrevista

COM GUSTAVO NEIVA COELHO

por Ademir Luiz

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4647699>

## UMA ARQUITETURA POÉTICA

### Gustavo Neiva



Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Goiás; mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. É professor adjunto da Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e do Urbanismo.

### Ademir Luiz:

**O senhor se notabilizou como um dos maiores especialistas brasileiros em arquitetura colonial. Seu principal foco de pesquisa é o que chama de arquitetura da “mineração” em Goiás. O estilo colonial praticado em Goiás possui características específicas que o diferenciam do restante do Brasil?**

### Gustavo Neiva Coelho:

Acho que existe aí um certo exagero. Após minha formatura, em dezembro de 1980 (completo quarenta anos de formado, no final do ano), minhas principais atividades profissionais e estudos foram direcionados para a pesquisa e a busca de entendimento sobre a arquitetura e o traçado das cidades, produzidos no período inicial da ocupação do território goiano, no século XVIII. Em 1981 fui trabalhar na cidade de Goiás, em um projeto que unia o IPHAN, o INDUR (Instituto de Desenvolvimento Urbano e Regional) e Prefeitura

Municipal, com o objetivo de produzir um Estudo sobre o Desenvolvimento Econômico com a Preservação do Patrimônio Histórico. Logo que cheguei à cidade, me foi oferecido um espaço no jornal local, para escrever sobre o Patrimônio Histórico e sua preservação, o que me ajudou a avançar os estudos e sistematizá-los na forma de artigos. Nesse momento tomei contato com a produção dos “grandes nomes”, dos realmente “especialistas” sobre a arquitetura colonial. E isso foi fundamental, pois, estudando o que se produzia sobre a arquitetura colonial em outras regiões do país, foi mais fácil compreender o que ocorria em Goiás e ver que em muito pouco essa arquitetura se diferenciava daquela produzida no restante do país.

Analisando a arquitetura produzida em Goiás no século XVIII, podemos ver que, sua organização espacial interna, é a mesma encontrada em qualquer região do país, além de ser conhecida também em regiões da metrópole (Portugal), representando ainda o pensamento islâmico da arquitetura implantada em território ibérico entre os séculos VIII e XV.

Lógico que algumas especificidades acontecem, representando a adaptação dessa arquitetura ao território: clima, topografia e disponibilidade de materiais, promovendo essas características específicas às quais você se refere.

**Ademir Luiz:**

**Como o fato de ser uma região de mineração caracterizou e impactou o processo de urbanização de Goiás no período colonial?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

Logo que o ouro começou a ser explorado no Brasil, algumas determinações reais passaram a ser implementadas, como a proibição de que a mão-de-obra escrava fosse utilizada em atividades não

exploratórias. Isso significava que nem a produção de alimentos e nem a construção civil desviassem o escravo dessa atividade econômica. Assim, a construção civil dependia de tempo negociado e o traçado, representando, também, a tradição islâmica, apresentou-se com alguma diferenciação decorrente da topografia do local onde o arraial seria implantado. Com isso, era a tradição que definia o espaço urbano, com ruas que ora se alargam, ora se estreitam, criando os largos da nomenclatura oriental (as praças da cultura ocidental), sendo também definidores desse espaço, os rios e as estradas. Aqui é bom lembrar que todas as cidades brasileiras do período colonial apresentam uma rua chamada “Rua Direita”, que nada mais é que o trecho urbano da estrada que corta a região, ligando todos os arraiais por onde passa. Exemplificando: a estrada que ligava São Paulo a Cuiabá, criava Ruas Direitas em todos os núcleos urbanos por onde passava, como Pirenópolis, Jaraguá, Vila Boa, etc. e essa Rua Direita tem aqui o mesmo sentido que apresenta na Península Ibérica e nas cidades de toda a região ocupada pelo Império Islâmico.

**Ademir Luiz:**

**O clássico “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, propagou a ideia de os colonizadores portugueses não estavam preocupados com o ordenamento urbano das cidades que “semeavam”. Trabalhos mais recentes, como “O Teatro dos Vícios”, lançado em 1993 pelo historiador Emanuel Araújo, procuram refutar essa perspectiva. Como essa dinâmica se dava em Goiás?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

A preocupação com a ordenação urbana no Brasil sempre existiu, tanto que funcionários (os arruadores) eram encarregados, nas cidades, da distribuição de parcelas, ou lotes, para as novas construções. Se observarmos a questão do traçado ordenado, dos planos, das proporcionalidades, veremos que, o que acontecia no Brasil colonial era totalmente diverso do que ocorria na Europa e em

outras regiões de colônia. Era a tradição que definia a estruturação e organização dos núcleos: as ruas direitas, os largos, os chafarizes, a irregularidade intencional das ruas, são elementos urbanos herdados da presença islâmica em território metropolitano e transpostos para a colônia. No caso goiano, exigências existiam quanto à estruturação urbana, mas a preocupação com a arrecadação de impostos era maior.

Acredito que a leitura feita por Sérgio Buarque de Holanda se aproxima mais daquela feita pelos historiadores ingleses do século XIX ao analisarem as cidades islâmicas do entorno do Mediterrâneo. A formação cultural, a topografia, a apropriação das técnicas e dos materiais são fundamentais na forma como as cidades se estabeleciam. E é isso que tem que ser observado em nossas primeiras cidades.

**Ademir Luiz:**

**A “Teoria da Decadência do Ouro”, proposta por Luis Palacin, foi questionada no livro “Caminhos de Goiás”, de Nasr Fayad Chaul, que prefere a perspectiva da “cultura da abastança” para explicar as dinâmicas políticas, culturais e econômicas de Goiás. Qual das duas propostas se aplica melhor no caso da arquitetura e urbanismo goiano? Existe uma terceira via?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

É interessante observar que a passagem da economia da mineração do século XVIII para a da agropecuária, do século XIX, trouxe mudanças fundamentais para a ocupação do território goiano. Isso pode ser visto em praticamente todos os viajantes que passaram por aqui, no decorrer do século XIX. Nos antigos núcleos, nada demonstrava a riqueza anterior, os edifícios depauperados, as antigas estradas abandonadas e, por conta das novas formas de exploração, o surgimento de novos núcleos apresentando formas diferentes de ocupação. Implantadas em regiões de terrenos menos acidentados, as novas cidades podiam apresentar ruas mais amplas, para o trânsito de

carros de tração animal ao passo que, com relação à construção dos novos edifícios pouca coisa mudou, as técnicas e os materiais continuaram os mesmos do século anterior, onde as alterações se apresentavam na forma e na quantidade de compartimentos, o que não se apresentava como mudança substancial. Muda também a política, as formas de governo e administração, a cobrança de novos impostos e uma sensação de prosperidade por parte dos governantes, o que não se estendia às demais camadas da população.

Acredito que vontade para um desenvolvimento, um crescimento cultural e econômico existiu, mas, os altos impostos, as grandes distâncias para o escoamento de produtos, nos aproximam mais do pensamento de Palacin, e o esgotamento da mineração prejudicou também a agropecuária.

**Ademir Luiz:**

**Recentemente, em parceria com a arquiteta Milena d’Ayala Valva, o senhor organizou o livro “Goiânia: a história em documentos”, uma edição crítica dos relatórios originais de Abelardo Coimbra Bueno, Armando Augusto de Godoy e Atílio Correia Lima sobre a construção de Goiânia. Em linhas gerais, o que a leitura contemporânea desses documentos revela?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

Cerca de noventa anos nos separam da elaboração de tais documentos. É fundamental que se conheça a forma de pensar de tais profissionais no momento em que, com base em suas vivências de leitura, produção de textos e documentos, elaboravam projetos considerados de extrema modernidade que, mesmo levando em consideração as mudanças acontecidas nesse período de tempo, são ainda de grande importância, mesmo para a elaboração de novos estudos e projetos.

**Ademir Luiz:**

**O senhor defendeu sua dissertação de mestrado em História pela UFG em 1997. Foi um pioneiro. Tem se tornado cada vez mais comum que arquitetos e urbanistas procurem os programas de pós-graduação em História para continuar suas formações. Como os conceitos e técnicas da Ciência Histórica podem contribuir na atuação do Arquiteto e Urbanista?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

O trabalho do arquiteto depende fundamentalmente do conhecimento que ele tem da História, tanto da História da Arquitetura quanto da História do Urbanismo e da História Geral, da Humanidade. Não é à toa que nossos cursos de Arquitetura apresentam disciplinas de História ao longo de todo o currículo, no estudo do edifício, das cidades, da arte e das técnicas.

**Ademir Luiz:**

**O senhor foi coordenador do Escritório Técnico do IPHAN na Cidade de Goiás e atuou no setor de Patrimônio Histórico da AGEPEL. Como descreve sua experiência na gestão pública? Existe vontade política? Qual o peso da burocracia na tomada de decisões?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

Meu trabalho junto ao IPHAN aconteceu de forma direta e indireta, de 1981 a 1986, num momento em que a instituição buscava uma atuação mais próxima à população das cidades de interesse histórico, estando, no nosso caso, a administração regional em Brasília e, criados nessa época, os Escritórios Técnicos de Goiás, Pirenópolis e Cuiabá. O objetivo da criação dos ETs era exatamente promover um entendimento maior, agilizando as atuações e atividades, fornecendo respostas rápidas aos moradores locais e administrando de forma mais efetiva as obras de restauro em andamento. Nesse período, as decisões eram rápidas e tomadas sempre em conjunto, o que facilitava bastante os trabalhos.

Quanto à AGEPEL, atuei em dois estágios distintos: em um primeiro momento, como funcionário, trabalhei na parte de inventário e documentação dos monumentos tombados em nível estadual e, em um segundo momento, como convidado (voluntário) nos estudos, levantamento e elaboração do Processo de Tombamento do acervo ferroviário do estado. Infelizmente o processo desapareceu e nunca mais se falou a respeito.

À época, mais de trinta anos atrás, existia não só a vontade política, mas também técnica e funcional. Atualmente, não estou a par.

**Ademir Luiz:**

**O atual poder executivo municipal de Goiânia começou uma série de obras públicas que praticamente imobilizaram a cidade. Sugiram vários nós no trânsito de pessoas e veículos, dificultando a mobilidade urbana. O lema é “os transtornos passam, os benefícios ficam”. Avalia que essa perspectiva de gestão é eficiente?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

Acredito que o desenvolvimento de obras no meio urbano só não apresenta problemas quando existe uma programação e planejamento das atividades para desenvolvimento durante o mandato administrativo. Quando as obras só começam a aparecer na parte final do mandato, fica claro que alguma coisa não vai dar certo. No caso específico, realmente, os transtornos passam, os benefícios ficam à espera de novas obras de correção e... de novos transtornos.

**Ademir Luiz:**

**Sua obra literária é muito interessante, incluindo poesia, literatura infantil e um romance enfocando a inquisição em Goiás, “O Último Sambenito”. O poeta João Cabral de Melo Neto costumava relacionar o trabalho literário com a ordem e racionalidade próprias da arquitetura e da engenharia. Sendo um arquiteto escritor, seu estilo é cabralino ou gosta de deixar que o acaso, o improvisado, apareça em sua escrita?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

Tenho atualmente, um livro de contos (O último sambenito) e um romance (Dias de chuva). Nos dois casos, o que orienta o desenvolvimento do texto são fatos reais que, por mais estranhos que possam parecer, foram retirados de fatos reais. A ideia é trabalhar os fatos, criando um enredo ficcional sobre fatos retirados de documentos, histórias ouvidas de pessoas que juram serem verdadeiros os casos contados. Percebo que tanto a arquitetura quanto a descrição do espaço urbano sempre aparecem (e esses são sempre verdadeiros e conhecidos) e, na maioria das vezes como personagens de certo grau de importância no conjunto do texto.

**Ademir Luiz:**

**O curso de Arquitetura e Urbanismo da UEG está comemorando vinte anos de existência. Qual sua memória de sua participação no corpo docente do curso?**

**Gustavo Neiva Coelho:**

Iniciei minha atividade docente em 1986, na PUC Goiás, quando o curso de Arquitetura completava 18 anos e já havia passado por várias situações, como a repressão política, a expulsão de professores e a implantação de um currículo considerado de vanguarda, liderado pelo prof. Graeff, que completaria 100 anos agora em 2021. Quando fui convidado pela Kátia Hanna para atuar na escola de Arquitetura da UEG, o curso ainda não havia formado nenhuma turma, e tudo era novidade, tanto para os professores quanto para os alunos. Era o primeiro curso de Arquitetura de caráter público em Goiás e segundo na região, depois da UnB. Foi um período intenso, de grandes possibilidades e descobertas e com grande liberdade para que as coisas pudessem acontecer. Foi um grande momento.



Artista: George dos Anjos

